

## **DAS MEMÓRIAS ÀS HISTÓRIAS: a literatura de Conceição Evaristo e entrelugares de disputas afirmativas**

*Elenice de Paula*

### **Resumo**

Este texto parte de observações levantadas durante a pesquisa desenvolvida no mestrado em educação que buscou analisar os romances Ponciá Vicêncio, Becos da Memória e o conjunto de contos de Olhos D'Água, escritos por Conceição Evaristo. Investigou-se as três obras mencionadas sob o interesse de compreender sobre o pensamento social da autora e da materialização de suas ideias por meio da narrativa que exhibe sua observação sobre a realidade social. Neste texto, apresento reflexões sobre as capas das obras, por perceber a pedagogia visual desenvolvida desde a tomada do livro em mãos. Para isso, junto a noção de letramento racial crítico de Ferreira (2015), levanto observações de como as imagens protagonizam novas formas de narrar e exibir a população negra de forma valorativa e que contribui para a educação das relações étnico-raciais.

**Palavras-chave:** Conceição Evaristo; Letramento racial; Literatura.

## **FROM MEMORIES TO STORIES: the literature of Conceição Evaristo and between places of affirmative disputes**

### **Abstract**

This text is based on observations raised during the research carried out in the master's degree in education that sought to analyze the novels Ponciá Vicêncio, Becos da Memória and the set of short stories from Olhos D'Água, written by Conceição Evaristo. The three works mentioned were investigated in the interest of understanding the author's social thinking and the materialization of her ideas through the narrative that displays her observation of social reality. In this text, I present reflections on the covers of the works, as I perceive the visual pedagogy developed since taking the book in hand. For this, together with Ferreira's (2015) notion of critical racial literacy, I raise observations of how images feature new ways of narrating and displaying the black population in an evaluative way that contributes to the education of ethnic-racial relations.

**Keywords:** Conceição Evaristo; Racial literacy; Literature.

## **DE LOS RECUERDOS A LOS RELATOS: la literatura de Conceição Evaristo y entre lugares de disputas afirmativas**

### **Resumen**

Este texto se basa en las observaciones realizadas durante la investigación llevada a cabo para obtener el título de máster en educación, que pretendía analizar las novelas Ponciá Vicêncio, Becos da Memória y el conjunto de relatos Olhos D'Água, escritos por Conceição Evaristo. Las tres obras mencionadas fueron investigadas para comprender el pensamiento social de la autora y la materialización de sus ideas a través de la narrativa, que muestra su observación de la realidad social. En este texto, presento reflexiones sobre las portadas de las obras, porque me doy cuenta de la pedagogía visual desarrollada desde el momento en que se toma el libro en las manos. Para ello, combino la noción de alfabetización racial crítica de Ferreira (2015) con observaciones sobre cómo las imágenes conducen a nuevas formas de narrar y mostrar a la población negra de una manera valorativa que contribuye a la educación de las relaciones étnico-raciales.

**Palabras clave:** Conceição Evaristo; Alfabetización racial; Literatura.

## INTRODUÇÃO

Estudos como o de Gomes (2006), sobre o corpo e cabelo como símbolos da identidade negra, e de Alencastro (2014) sobre as políticas de cotas no ensino superior, explorada também por Bento (2022) e Domingues (2018), por exemplo, são guiados/as a partir de distintos problemas que atravessam a população negra. Por meio desses estudos demonstram diferentes interfaces de reflexos das políticas de reparação histórica. Caminhos que são abertos para oportunizar o avanço da população negra em espaços que por anos lhes foram negados, do acesso e manutenção no ensino superior, em distintas profissões, nas tomadas de decisão, na valorização de uma estética corporal e reconhecimento e identificação positiva de uma identidade negra. Contudo, como destaca Bento (2022), tais avanços não impedem a existência do racismo.

Conceição Evaristo, como intelectual negra, movimenta-se em meio a reparação histórica. Suas narrativas promovem um olhar crítico sobre a sociedade com a intenção de intervenção. Sua escrevivência investe na análise social que parte de suas experiências e infere sobre a configuração social a partir das relações de classe, gênero, raça, e de outras marcações sociais que transitam entre o eu e as origens. Ou seja, a autora promove uma literatura diaspórica em que as outras formas de narrar a vida e experiência de seus personagens age na construção de um pensamento liminar, reconfigurando histórias, narrativas e abrindo para novas possibilidades de viver e existir como sujeito negro.

Com o objetivo de levantar considerações sobre a escrevivência da autora, e a partir dos estudos desenvolvidos para a dissertação em educação, neste trabalho busco analisar as capas das obras Ponciá Vicêncio, Becos da Memória e Olhos D'Água. Acredito que por meio dessa análise é possível compreender parte das narrativas da autora e contribuir para a promoção do letramento racial crítico. Salienta-se ainda a pertinência deste trabalho por sua apresentar observações ainda pouco exploradas, sendo em sua maioria as capas da obra da autora utilizadas meramente como ilustrativas, dando aqui a importância analítica da construção imagética apresentada na composição das obras.

## METODOLOGIA

Este trabalho constitui parte da pesquisa desenvolvida durante o mestrado em educação defendido na Universidade Federal de Santa Catarina – UFCS, em 2023. No trabalho foram analisadas as três obras mencionadas sob o interesse de compreender sobre o pensamento social da autora e da materialização de suas ideias por meio da narrativa que exibe sua observação sobre a realidade social. No conjunto das discussões teórico-metodológicas, a noção de letramento racial crítico conduziu para levantar as análises das obras, desde as capas das quais trago neste trabalho.

Por letramento racial crítico, compreendo tal como Ferreira (2015, p. 138);

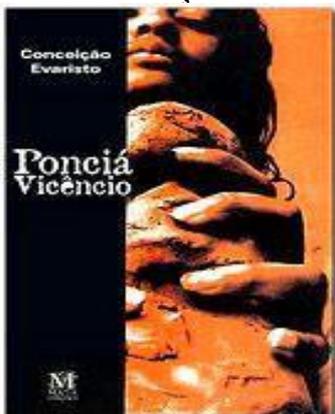
Letramento racial crítico é refletir sobre raça e racismo, e nos possibilita ver o nosso próprio entendimento de como raça e racismo são tratados no nosso dia a dia, e o quanto raça e racismo têm impactado em nossas identidades sociais e em nossas vidas, seja no trabalho, seja no ambiente escolar, universitário, seja em nossas famílias, seja nas nossas relações sociais.

Deste modo, o letramento racial crítico pode ser compreendido como instrumento analítico no campo de estudos das relações étnico-raciais, bem como um processo de reeducação das relações sociais já constituídas, por meio da desnaturalização do social, principalmente de quando a raça é o elemento circundante em configurações excludentes. Assim, tal como destaca Ferreira, por perceber que o letramento racial crítico, na prática pedagógica, “é de extrema relevância para que assim possa também colaborar para que tenhamos uma sociedade mais justa, com igualdade e com equidade” (FERREIRA, 2015, p. 138). Com isso, reitero os argumentos da autora para afirmar das possibilidades de investigar as obras de Conceição Evaristo para a promoção do letramento racial e a condução para as distintas formas de promover uma educação antirracista. Assim, compreendo que as obras, desde as capas, anunciam e protagonizam o letramento racial crítico.

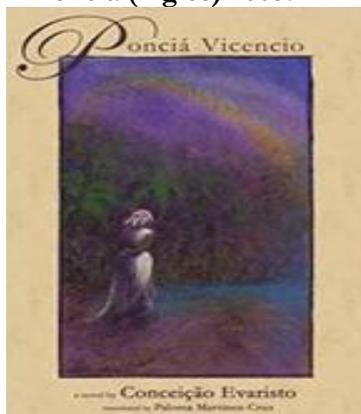
## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por meio da análise das obras *Ponciá Vicêncio*, *Becos da Memória* e *Olhos D'Água*, selecionadas para esta pesquisa, nos permitem perceber e compreender como a autora promove a literatura diaspórica, do processo de conhecimento, reconhecimento e valorização da história, cultura e do diálogo com as origens. Junto a essa negociação que visa romper com todo o processo colonialista, a leitura e disseminação das obras de Conceição Evaristo contribui ainda para a construção do letramento racial, desde o reconhecimento (e conhecimento sobre) a autora, personagens e associação deles/as com o cotidiano. Conexão essa iniciada desde o contato visual com as obras. Como pode ser observado a seguir.

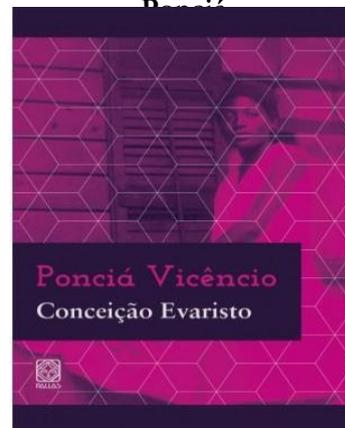
**Figura 01 – Capa livro  
Ponciá Edição 2003**



**Figura 02 – Capa Livro  
Ponciá (inglês) 2007.**



**Figura 03 – Capa livro  
Ponciá**



Fonte: Acervo pessoal da autora

Como apontado na introdução deste trabalho, o livro *Ponciá Vicêncio* teve sua primeira edição em 2003, publicado pela editora Mazza, como pode ser observado na imagem 02, “Capa *Ponciá Vicêncio* 2003”. Com o seu reconhecimento internacional, suas obras foram traduzidas e publicadas no cenário internacional. Trago como exemplo na imagem 03, “Capa *Ponciá Vicêncio*, versão inglês” tendo sido publicada em 2007, nos Estados Unidos, pela Editora Host Pubns. Por fim, a quarta imagem corresponde a segunda edição brasileira, publicada pela editora Pallas, em 2017, e que serve de análise neste trabalho. Mesmo que a atenção desta análise sobressaia a última edição, trago as três capas do livro de *Ponciá Vicêncio* como forma de demonstrar a partir das capas das obras como é promovido um letramento racial, em que, por meio das imagens uma pedagogia visual é acionada sendo

ampliada junto a leitura da obra. Em que a história é dada a ler, a ser interpretado o universo social narrado pela autora.

Temos na primeira edição a representação de uma mulher trabalhando com o barro, uma forma de representar a atividade desenvolvida por Ponciá enquanto morava com sua família. Ponciá, desde a infância, aprendeu a desenvolver objetos feitos com barro. Como mulher negra e artesã, foi a forma encontrada de contribuir no sustento da família, já que o pai e o irmão, mais novo que ela, trabalhavam na roça do coronel Vicêncio, já que, “a mãe pelejava com as vasilhas de barro e tinham apenas uma casa de pau a pique coberta de capim, para abrigar a pobreza em que viviam” (EVARISTO, 2017, p. 70). A imagem que até então possui um caráter ilustrativo possui forte conotação simbólica pela valorização de Ponciá ser uma mulher ativa, que, mesmo diante das mazelas da escravidão e do racismo que circundam sua vida, o protagonismo da personagem é constantemente destacado pela busca de melhores condições tanto quando morava no campo, como quando depois da morte do pai, aos 19 anos, busca a vida na cidade para melhorar a condição de si, mãe e irmão.

Na segunda capa, referente à edição em inglês, temos uma imagem que é fácil de ser confundida com um quadro. A centralidade da imagem está na travessia, no vazio e extenso caminho que a mulher tem a seguir. Ponciá, representada na capa, é uma mulher negra, pele mais escura que a da capa da primeira versão, seu vestido e lenço amarrado na cabeça estabelece um estreito diálogo com as origens. Um simbolismo que expressa a travessia de Ponciá, como na imagem que apresenta a mulher com as mãos nas costas, que sai da vida no campo e busca arriscar na vida urbana a tentativa de juntar dinheiro e buscar os seus. Um jeito de andar que gerou um susto na família, quando desde criança Ponciá andava como o avô que havia ficado cotôco. Assim, Ponciá atravessa a vida com a semelhança do avô que desde sua infância até os devaneios quando adulta manifesta o laço estabelecido com seu ancestral.

A solidão expressa na imagem, em seguir sozinha e/ou desconsolada, anseia o/a leitor/a ainda a pensar na possibilidade da capa buscar retratar o momento quando volta ao campo para saber notícias da mãe e do irmão, já que anos haviam se passado, e, mesmo sem condições de ajudar a família, retornou para a casa de origem onde encontrou apenas as memórias de um passado que, por mais difícil fosse, parecia ser menos sofrido, mais confortável que a vida em seu presente. A alusão ainda pode ser estabelecida ao arco-íris ao fundo, tinha medo, pois, “diziam que menina que passasse por debaixo do arco-íris virava menino”. Assim, a espera do arco-íris sumir, ficava horas e horas no rio. Depois disso, “juntava, então, as saias entre as pernas tampouco o sexo e, num pulo, com o coração aos saltos, passava por debaixo do angorô. Depois se apalpava toda” (EVARISTO, 2017, p. 13). Deste modo, por meio da imagem da capa, são expressas a passagem de Ponciá por um caminho incerto, por um horizonte em que tanto o percurso como o ponto de chegada é difícil de ser percorrido, quem dera chegar.

Ao observar a capa referente a edição de 2017, produzida por Túlio Oliveira, a imagem permite traçar o entendimento que explora o imaginário de uma vida na cidade. A mulher, uma negra retinta, observa o/a fotógrafo/a com um olhar triste e disperso. Repousa-se sobre a imagem os sentimentos de tristeza, angústia, solidão e perda de esperanças pela longa trajetória de desumanização da qual foi submetida. Da difícil vida no campo, principalmente da extensão da escravidão que a prendia, “na assinatura dela a reminiscência do poderio do senhor, um tal coronel Vicêncio”, do qual seus avós haviam sido escravizados.

Da amargura em viver na cidade, quando, aos dezenove anos, depois de horas no trem, apenas com uma trouxa de roupas e um pedaço de broa, do café mingado e da rapadura para lamber, teve mendigos de companhia na porta da igreja do qual havia lhe fechado as portas. Quando conseguiu trabalho, a solidão se fez presente, não tinha companhia. Contudo, quando a oportunidade de conseguir comprar um barraco, a surpresa da vida havia lhe trazido alguém que a batia, a fez sangrar, assim perdeu a vontade de ler. Já sem esperanças, nesse tempo, como narra Evaristo,

Ponciá gastava a vida em recordar a vida. Era também uma forma de viver. Às vezes era um recordar feito de tão dolorosas, de tão amargas lembranças, que lágrimas corriam sobre o seu rosto, outras vezes eram tão doces, tão amenas as recordações, que de seus lábios surgiam sorrisos e risos (EVARISTO, 2017, p. 79).

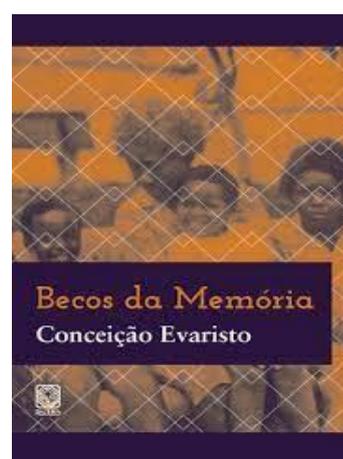
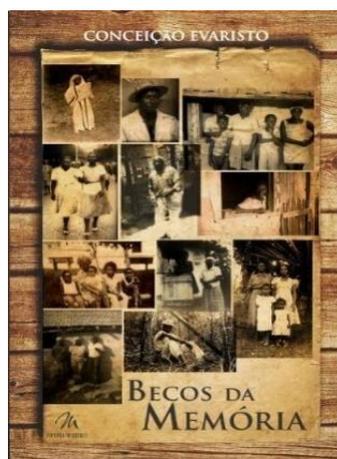
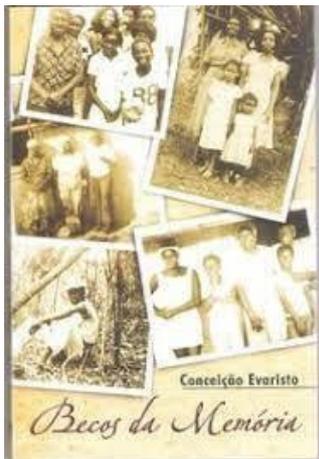
Como uma pedagogia visual, a partir da imagem estampada na capa, é essa a condição de Ponciá a ser imaginada. Uma representação que é explorada ao decorrer da obra em que o protagonismo da personagem é permeado pela tentativa em viver uma vida mais justa, em escapar das mazelas da escravidão que ainda a assombram, seja pela origem de seu nome ou pelas amarguras do racismo que a torna invisível quando precisa de apoio e suporte, mas é facilmente visível quando é para diminuí-la, desumanizá-la. Um indicativo da tonalidade da pele como uma régua delimitadora em que os sujeitos podem percorrer. Tal como indica Alessandra Devulsky (2021), ao tecer críticas sobre os efeitos do colorismo imposto pela miscigenação. Para a autora, dado as diferentes tonalidades da pele negra, “só a partir do momento em que introjetamos a ideia de que somos percebidos por brancos de maneira diferente, e isso se transforma em um fato, como o código da sociedade, que passamos a nos enxergar como negros (DEVULSKY, 2021, p. 31).

Estabeleço esse exercício para, por meio da imagem utilizadas nas capas, indicar minha percepção sobre o caminho percorrido por Ponciá, as imagens contribuem para indicar quem é Ponciá Vicência, em construir um imaginário sobre a personagem, que, como a própria autora já afirmou, “às vezes, não poucas, o choro da personagem se confundia com o meu, no ato de escrita” (EVARISTO, 2017, p. 06). Em relação a obra *Becos da Memória*, temos as seguintes capas:

**Figura 04**  
**Becos da Memória**  
Editora: Mazza, 2006.

**Figura 05**  
**Becos da Memória**  
(2013)  
Editora: Mazza, 2006.

**Figura 06**  
**Becos da Memória,**  
Editora Pallas, 2013



Fonte: Acervo pessoal da autora

Afeto, solidariedade, alegria, festividades, companheirismo, recomeço, colo da avó, infância, cuidado, carinho, vivências, são essas algumas das palavras despertadas por meio do conjunto de imagens que estampa *Becos da Memória* e conduzem o/a leitor/a para adentrar em meio aos becos experienciados/reconstruídos por Conceição Evaristo. As imagens, que servem como um dispositivo para acionar lembranças, lampejam faíscas de esperança em meio a tantas histórias de dor, sofrimento e demais angústias de quem corre para sobreviver em meio a precarização em viver na favela. Diferente das demais obras, as imagens fazem parte do acervo pessoal da autora. É por meio de fotografias de amigos, familiares, conhecidos, ou melhor, dos seus, que a narrativa da obra é despertada, dada a ler e a ser interpretada. São as memórias ativadas na escrevivência da autora que servem como fio condutor de toda a trama, em que seus 92 personagens movimentam-se e dão vida ao cotidiano da favela. Ao mesmo tempo que constroem novas experiências, revivem as memórias do passado, quando mais distante do campo, quando próximo, daquelas lembranças em meio aos becos que não existam em exprimir os desejos e angústias, dos sonhos e esperanças, muitas vezes frustrados ou interrompidos pela fome, doença, pela precarização da vida.

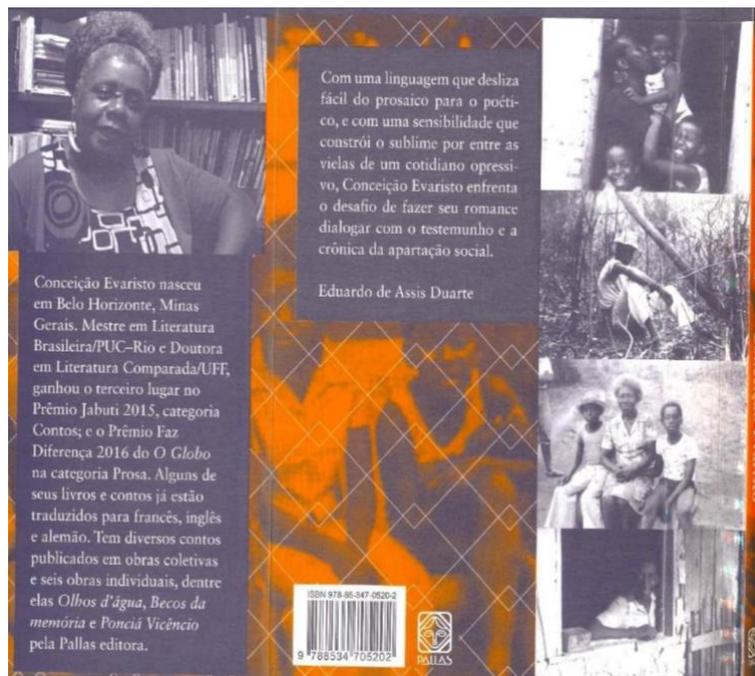
As três edições possuem o mesmo conjunto de fotografias. Nas duas primeiras, a ênfase da capa sobressalta uma coletividade, momentos variados da vida que, registrados, materializaram-se em diferentes tempos e espaços, que, como capa de livro, transitam em diferentes mãos, em que nem todas possuem a experiência em ser negro, pobre, morar na favela, passar fome, ou talvez, até mesmo outros sentimentos, como de viver em coletividade, famílias extensas, ter irmãos e/ou irmãs, brincar na rua, construir seus próprios brinquedos, dentre outras lembranças ou ausências instigadas pelo olhar. Imagens que em sua maioria são posadas, o momentâneo dificilmente seria gravado, dado as condições fotográficas da década de 1980, principalmente ao uso do filme fotográfico, que muitas vezes exigia que fosse reunido o maior número de pessoas, para com a sorte da revelação fílmica, ficassem arquivadas por meio daquele registro. Ou seja, de certo modo as fotografias utilizadas nas edições de *Becos da Memória* apresentam pessoas que pausaram o que estavam fazendo para posar para a fotografia. Assim, sem a possibilidade de registrar o movimento, as imagens despertam ainda mais as recordações sobre aquele dia ou do que faziam no momento da foto. Para os/as leitores, cabe a imaginação, criação, reinvenção ou, a tentativa em descobrir

uma suposta relação entre quem estampa as capas e qual personagem seria (ou corresponde) na história.

Diferente das duas primeiras, *Becos da Memória*, da edição de 2017, centraliza na capa a imagem de uma senhora rodeada por crianças, uma delas, talvez a mais nova do grupo, está sorridente no colo do que aparentemente representa ser sua avó. Afirmção que fica ainda mais instigante quando logo na primeira linha da obra é informado que, “Vó Rita dormia embolada com ela”. Em continuidade, Maria Nova, a menina de 13 anos que adentra os becos, passa a narrar as memórias, a cruzar suas experiências com os/as demais moradores/as, intensificando ainda mais a aproximação entre as mulheres, como Vó Rita e Maria Velha. Avó que nem sempre é significado de parentesco de sangue, sendo recorrente que as mulheres mais velhas, aquelas que não saíam mais para trabalhar fora, cuidassem das crianças das demais que se ocupavam principalmente como empregadas domésticas. Ponto esse que será discutido no capítulo três.

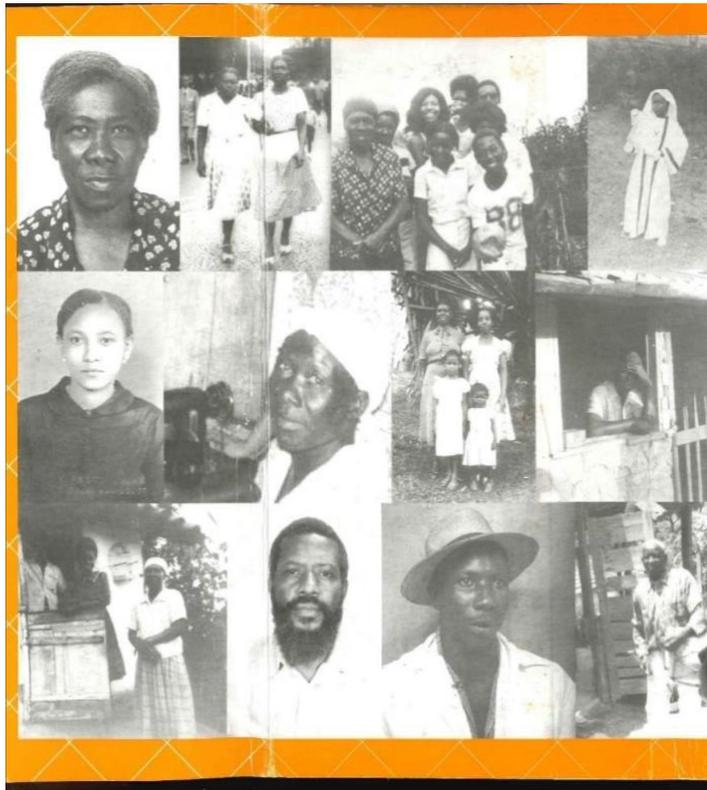
Ainda em relação às imagens, além da capa de frente, no verso e contracapa são expostas o conjunto de 22 fotografias, sendo elas:

**Figura 07 - Capa *Becos da Memória* verso**



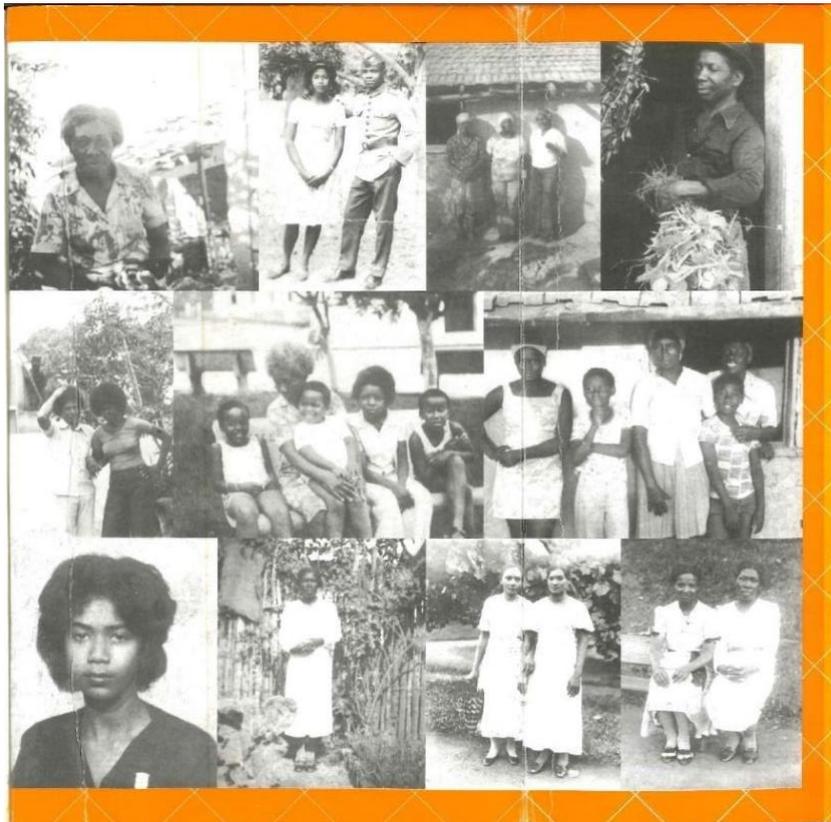
Fonte: Acervo pessoal da autora

**Figura 08 - Contracapa *Becos da Memória* frente**



Fonte: Acervo pessoal da autora

**Figura 09 - Contracapa Becos da Memória verso**



Fonte: Acervo pessoal da autora

Ao serem disponibilizadas as imagens do acervo pessoal da autora para a confecção das capas, além do caráter interpretativo, ilustrativo ou como representação da história, essas fotografias amplificam o poder de sua escrituragem, da construção analítica entre a ficção e o real, por meio de linhas que não são tão imaginárias assim, Conceição Evaristo expressa o mal estar de uma situação humana de um passado que atravessa o tempo. Nesse sentido, as imagens servem como um convite para ouvir memórias compartilhadas pelo brutalismo poético que atravessa a obra. Entretanto, no fazer-se do mundo marcado por problemas, confrontos e dores, as imagens amargas do passado, vividas ou daquelas contadas pelos que vieram antes, são ressignificadas pelo coletivismo, solidariedade e relações afetivas que constroem o viver na favela. Ou seja, as pedras são lapidadas como maneira de tornar a vida mais justa. Assim, desde a edição de 2017, como uma pedagogia visual, o colo da avó e a alegria das crianças, que centralizam a capa, servem como um convite para visitar as memórias que atravessam os becos da vida.

Em *Olhos D'Água*, primeira edição lançada em 2014, por meio da ilustração, a capa explora outras sensibilidades, como pode ser observado na imagem 11, “Capa do livro *Olhos D'Água*, Editora Pallas; 1ª edição, 2014”.

**Figura 11 - Capa do livro *Olhos D'Água*, Editora Pallas; 1ª edição, 2014.**

Conceição Evaristo

## OLHOS D'ÁGUA



Fonte: Acervo pessoal da autora

O olhar, profundo, vazio e banhado em águas convida os/as leitores/as da obra *Olhos D'Água* a mergulharem nas profundas histórias de tristezas e alegrias que fazem saltar lágrimas dos olhos. Junto ao título que possui o nome de mesmo conto que abre a obra, por meio da imagem ilustrativa utilizada na capa, a escritora Conceição Evaristo explora a sensibilidade do/a leitor/a em tanto refletir sobre as tantas histórias que enchem os olhos d'água, como para a tomada das lágrimas nos olhos do/a leitor/a. Com contos reunidos escritos em diferentes anos, de forma geral, *Olhos D'Água* possui uma atenção para a complexa vida na cidade, em que o campo quando narrado e serve como elemento de partida em busca de oportunidades, do desvincular com seus grupos de origem, pois na cidade as relações se dão de outra forma.

O campo ainda é rememorado quando trata daquelas lembranças do tempo do cativo ou pós abolição envoltas sobre o trabalho escravo, e de como a vida vai se configurando em meio às favelas que predominam na narrativa da obra. Nesse aspecto, *Olhos D'Água* nos aponta uma leitura de passado, presente e futuro, de como se, o futuro tivesse chegado, e, com um presente dado a ler, e a ser interpretado, Conceição Evaristo expõe sua leitura social com um sentimento das consequências da vida no tempo.

Sobre o tempo, como uma forma de conduzir o/a leitor a decifrar a vida repleta por olhos cheios d'água, Conceição Evaristo percorre a vida de seus personagens como se estivesse dividida em três momentos, tais como no passado escravista, no movimentar-se contra a escravidão e das mazelas do presente, em que com olhos cheios d'água nos apresenta que configuração é essa. Por meio de contos, *Olhos D'Água* expõe reflexões sobre os bisnetos e tataranetos daqueles que foram escravizados, da tentativa em distrair a fome, como indica no conto de abertura e leva o mesmo nome da obra. A autora ao tratar sobre a história de uma família composta por mãe e filha e das lembranças dela com sua mãe, lembra que as brincadeiras servem como um desvio da dor, de lapidação das pedras que pesam a fome, pois, como indicado no conto, “desde aquela época, que a mãe inventava esses e outros jogos

para distrair a nossa fome. E a fome se distraia” (EVARISTO, 2016, p. 17). E ainda, em meio às águas, do reencontro entre mãe e filha, e posterior com a própria filha quando a mãe escuta, “Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?” (EVARISTO, 2017, p. 19). Olhos repletos de água pela vida difícil, mas também movidas as esperanças de felicidade, do encontro com as origens e com a ancestralidade.

Os olhos se enchem constantemente d'água com as histórias que utilizam da escrita para denunciar a violência policial, tal como na história de Ana Davenga, já marcada pelo mundo do crime de seu companheiro, sendo ele líder da organização que tinha o controle do tráfico na região. Contudo, quando se é pobre e vive na favela, a agressão policial não é contida e bate na porta com gentileza pedindo para entrar. Como expõe Conceição Evaristo, o casal é baleado, “na favela, os companheiros de Davenga choravam a morte do chefe e de Ana, que morrerá ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga (EVARISTO, 2016, p. 30). O olhar crítico e cheio d'água cai ainda nos contos “A gente combinamos de morrer”, em que mesmo sabendo das armadilhas – ou nem sempre - do mundo do crime, meninos e meninas entram nele como forma de sobreviver. Balas e mais balas atravessam essas vidas, um/a a um/a vai tendo sua vida arrancada. Em uma mistura de personagem e escrivência, Conceição Evaristo narra, “eu sei que não morrer, nem sempre, é viver. Deve haver outros caminhos, saídas mais amenas” (CONCEIÇÃO EVARISTO, 2016, p. 109). Assim, a autora dita o ritmo e o som da vida de como é viver na favela. Mundo acelerado pela pressa em escapar da fome, frio, violências dentre tantas outras coisas que perseguem quem vive lá. Do vazio da perda, da ausência daqueles que não estão mais ali, dos olhos lacrimejados por aqueles que foram e ao mesmo tempo pelos que estão, do som do coração pulsante de medo, das balas que ditam o ritmo da noite que sangra em meio a lembranças, como narra Conceição Evaristo, “Eu aqui escrevo e relembro um verso que li um dia. “Escrever é uma maneira de sangrar”. Acrescento: e de muito sangrar, muito e muito...” (EVARISTO, 2016, p. 109).

o barulho seco das balas se mistura à algazarra infantil. As crianças obedeciam à recomendação de não brincarem longe de casa, mas às vezes se distraíam. E, então, não experimentavam somente as balas adocicadas, suaves, que derretiam na boca, mas ainda aquelas que lhes dissolviam a vida (EVARISTO, 2016, p. 76).

As balas perdidas que não parecem ser tão perdidas assim atravessam a favela, assim como a vida de muitas crianças, como a de Zaíta que sair desesperadamente procurando sua irmã que acreditava estar com sua figurinha favorita, acabou sendo encontrada pela bala que retirou sua vida e a deixou sangrando no chão. Encontrada pela irmã, “Naíta demorou um pouco para entender o que havia acontecido. E, assim que se aproximou da irmã, gritou entre, a dor, o espanto e o medo: - Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos!” (EVARISTO, 2016, p. 76).

Maria Aparecida Rita Moreira (2014), em sua tese de doutoramento em letras, ao analisar o conto mencionado, indica que ele é permeado por uma poética sensível, ponto central que infere sobre as formas de lapidar a vida em meio às violações de direitos ou a ausência deles, sendo esse um processo de desumanização. Em meio a dores, sofrimentos e a busca por momentos de alegria, Moreira destaca que a narrativa do conto de Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos emerge como um dos problemas do pós-abolição. Conforme a autora, No conjunto desse sangrar e tomar os olhos em lágrimas, o conto “Zaíta esqueceu de

guardar os brinquedos”, explora outras consequências do crime e da violência policial. Como indica a autora,

Neste conto, percebe-se o indivíduo negro como protagonista. Os laços familiares estão perpassados pela realidade que marcou a história dos sujeitos negros no Brasil no pós-abolição. Não existiu nenhuma política que lhes garantisse direitos à moradia, emprego, educação. Os que migraram para as cidades habitaram os cortiços, ou seja, o ambiente de favela foi e continua sendo o espaço de habitação da maioria dos negros brasileiros (MOREIRA, 2014, p. 142).

São provocações tomadas por Conceição Evaristo e também analisadas por Moreira que se assemelham a outras experiências narradas no restante da obra, de distintos processos que atravessam e reforçam a desumanização dos sujeitos narrados, em que vivem seu protagonismo literário entre a vida e a busca por (sobre)viver. Tal como podemos explorar no conto Di Lixão, que vive em meio às ruas se alimentando do imaginário que poderia existir dentro das latas vazias, mas que morre na sarjeta onde facilmente poderia ser confundido com os sacos de lixo. Ou então no conto Ardoça, em que cansado de sua vida, antes de pegar o trêm, Ardoça toma veneno, e, mesmo na sua condição de morte, nem ali mesmo foi respeitado, tendo seus pertences roubados. Ou então, no conto Maria, em que a desumanização da vida da personagem ocorre no abandono do marido, na condição de trabalho quase que paga com os restos de comida e frutas, com a dor do corte na mão, pois, “faca a laser corta até a vida! (EVARISTO, 2016, p. 40), teve arrancada a chance de ver a reação de seu filho ao comer melão pela primeira vez. Foi linchada até a morte no ônibus que voltava para casa. No trajeto, o pai do filho que tivera estava na mesma condução, porém, o mesmo assaltou os passageiros. O rápido recado em mandar um abraço ao filho e por não ter sido assaltada levou os demais a sentirem-se no direito de chinga-la, em bater até arrancar sua vida.

Conceição Evaristo explora de forma incansável as violências cometidas contra meninas e mulheres. A intersecção gênero, raça e classe aflora a escrevivência da autora, de Duzu-Querença que vai para a cidade sob a promessa de poder estudar, mas, trancafiada na zona onde tem seu primeiro emprego como arrumadeira, ainda menina, no entrar entrando as portas em que corria a prostituição, entre uma carícia (abuso) de um homem ou outro, descobre sua sexualidade, que poderia ganhar dinheiro com aquilo. Contudo, Duzu transitou de uma zona a outra, teve filhos, netos e no fim a vida lhe deixou como o vento que passa e não pode ser visto.

A sexualidade é outra marcação que permeia as narrativas, em Beijo na Face, por exemplo, junto ao olhar crítico sobre a violência sofrida por Salinda, principalmente psicológica, pois, como indica a autora “precisava embrutecer o corpo, os olhos e voz” (EVARISTO, 2016, p. 52), pois seu companheiro a vigia e também interroga as crianças para saber o que fez quando ele não estava presente. Conceição Evaristo expõe uma personagem ativa, que descobre sua sexualidade e vive uma paixão às escondidas, em que a Tia Vandu a ajuda a encontrar sua amada. Quando distante, bastava olhar-se no espelho, como descreve a autora,

do outro lado, como se verdade fosse, o nítido rosto da amiga surgiu para afirmar a força de um amor entre duas iguais. Mulheres, ambas se pareciam. Altas, negras e com dezenas de dreads a lhes enfeitar a cabeça.

Ambas aves fêmeas, ousadas mergulhadoras na própria profundidade. E a cada vez que uma mergulhava na outra, o suave encontro de suas fendas-mulheres engravidava as duas de prazer. E o que parecia pouco, muito se tornava. O que finito era, se eternizava. E um leve fugaz beijo na face, sombra rasurada de uma asa amarela de borboleta, se tornava uma certeza, uma presença incrustada nos poros de pele e da memória (EVARISTO, 2016, p. 57).

Desta maneira, ao movimentar-se da vida, da fuga das dores e das violências, a lapidação das pedras ocorre em meio ao encontro de si, das descobertas e formas de promover e conduzir as alegrias para momentos e memórias positivas. Tal como Luamanda, em conto de seu próprio nome, a personagens desfruta de uma liberdade, em que, ao experimentar diferentes corpos e idades, ao cinquenta anos mantém-se sexualmente ativa, Conceição Evaristo a narra como “avó mãe, amiga, companheira, amante, alma-menina tempo” (EVARISTO, 2016, p. 63).

A descoberta da sexualidade ocorre também em meio aos homens, no conto “Os amores de Kimbá”, nome/apelido dado à Zezinho pelo amigo Gustavo, em lembrança a outro amigo, um africano. No conto, Kimbá é apresentado a Beth, que tinha um relacionamento com Gustavo, aos poucos passaram a compor um triângulo amoroso. Na narrativa a negritude é ativada como o reconhecimento e pertencimento de uma identidade corporal positiva. Entretanto, a distinção social entre Kimbá, morador da favela e seus amantes que viviam nas melhores condições em um apartamento o deixava muito inquieto. Teve convite para ir morar com os dois, sair da favela e deixar tudo, inclusive as crenças que se misturavam às condições econômicas. Contudo, uma certa vez, Kimbá preparou o drink, a última, pois havia colocado veneno, e, como narra a autora, “sorveu de uma única vez a sua porção e se deitou ali no meio, para esperar com eles também” (EVARISTO, 2016, p. 94). Ou seja, em Kimbá os olhos se enchem d’água com a descoberta, com o interesse em mudar de vida, mas com as dores em não poder se afastar dos seus. Do sonho em sair da pobreza que movimentava suas aventuras, mas por outro lado da decisão que toma para romper com a sua vida e de seus amantes.

A sexualidade também é explorada em conjunto com a cobrança da maternidade. Em quantos filhos Natalina teve?, Conceição Evaristo expõe a difícil tarefa em ser mãe, negra e pobre. Por outro lado, junto ao olhar crítico das condições em ser uma mulher negra, a autora levanta observações sobre a cobrança da maternidade. Para Natalina, o primeiro filho foi motivo de susto, não queria a criança, descobriu como se faziam filhos com o namoradinho, mas não queria que aquilo servisse para prendê-la. Também serviu de barriga de aluguel da patroa, já que a mesma era cobrada para ter um filho. Foi ali que Natalina teve a experiência de uma maternidade com cuidado, desejada e com toda a assistência. Engravidou do patrão, teve cuidados médicos e até uma empregada para cuidar dela enquanto esperava a criança para a outra. Assim se sucedeu até decidir ficar com um dos filhos que teve, não foi doado nem procurou o aborto, mas foi da violação de seu corpo por um estupro, matou o estuprador e por saber que jamais veria decidiu ficar com a criança. Assim, a autora questiona sobre as fragilidades da gravidez na adolescência, mas também exhibe as cobranças da mulher em ser mãe e não poder decidir sobre seu próprio corpo, principalmente a maternidade. E assim os olhos vão se enchendo d’água, sendo conduzidas como correntezas que levam a vida de Natalina, em meio às dores, pedras e mais pedras, a vida foi sendo lapidada por suas escolhas, seus momentos de decisão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como um emaranhado de vivências, sejam suas ou daquelas/as que a acompanharam em sua trajetória, Ponciá tem sua história narrada desde o momento da tomada do livro em mãos. Entretanto, ao estabelecer comparativos com as imagens utilizadas nesses três exemplares, pode ser observado que, da mulher negra de pele clara, Ponciá assume uma imagem de mulher negra retinta. Processo que provoca o letramento racial, e que, ao mesmo tempo, envolve um processo de reconhecimento da valorização estética corpórea da população negra. Tal como Conceição Evaristo assinala fortemente em sua escrita. Assim, passados 20 anos desde a primeira edição de Ponciá, os efeitos do letramento racial, da política de valorização da história e cultura africana e afro-brasileira propostas pela Lei 10.639/2003, estão imersos na produção, circulação e consumo das obras de Conceição Evaristo, as capas nos provocam novas sensibilidades, uma pedagogia visual de reconhecimento.

Importante destacar que a disponibilização dessas imagens para a produção visual das capas também auxilia no processo de letramento racial. Tanto para o reconhecimento da história pessoal de leitores/as negros/as, como para não negros/as, da qual serve como forma de conduzir uma interpretação/análise sobre a vida da população negra. Ainda, em relação ao uso dessas imagens, historicamente, temos no Brasil a configuração familiar interracial bastante acentuada, mesmo sendo branco, por exemplo, muitas bisavós/as, avós/as, pais, irmãos/as são negros. Como já destacado, o último censo demográfico realizado pelo IBGE, indica que 55,8% da população brasileira se declara como negra, o que, para além da urgência da efetivação do letramento racial, temos por meio do índice populacional um indicativo de que a literatura e os referenciais estéticos exigem a visibilidade de grupos que por anos foram minorizados. Ou seja, mesmo em maioria, tiveram suas histórias arrancadas, excluídas e negligenciadas. Um processo que interfere na aceitação de si e reconhecimento populacional, seja para negros como para não negros, pois sendo a população em sua maioria negra, que historicamente foi se constituindo o branqueamento de referenciais sociais, estéticos e considerados aceitos, cabe refletirmos como são nossas relações sociais, elas possuem vínculos de amizade com pessoas negras? Temos e/ou tivemos professores/as negros/as? Ou, onde estão os retratos de nossos familiares negros/as, engavetados, nas paredes ou nem mesmo registrados? Assim, desde a capa de Becos da Memória, temos a formação de novas sensibilidades por meio de um letramento racial visual.

É do umedecer os olhos a encharcá-los d'água que o conjunto de contos do livro Olhos D'Água provoca. A obra provoca um exercício de distintas formas de observar as múltiplas vidas atravessadas principalmente pelas experiências em ser mulher, negra e pobre. São lentes analíticas instigadas pelo pensamento social de Conceição Evaristo que ao mesmo tempo que exhibe as mazelas da vida explora e exige outras possibilidades de viver. Sem resumir a dor, o encontro com os seus serve como motivo para narrar..

## REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. As cotas raciais na UNB: um parecer apresentado ao STF contra a ADPF 186. In: Flavio Gomes e Petrônio Domingues. (Org.). *Políticas da Raça - Experiências e legados da Abolição e da pós-emancipação no Brasil*. 1ed.São Paulo: Selo Negro, p. 403-41, 2014.

BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo, Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. *Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP 003/2004*. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 19 mai. 2004.

BRASIL. *Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências*. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 01 fev. 2023.

DEVULSKY, Alessandra. *Colorismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021.

DOMINGUES, Petrônio. Agenciar raça, reinventar a nação: o Movimento Pelas Reparações no Brasil. *Análise Social, Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, v. LIII, p. 332-361, 2018. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/analisesocial/article/view/22303>. Acesso em 20 de junho de 2023.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 3º ed., Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Narrativas autobiográficas de professoras/es de línguas na universidade: Letramento racial crítico e Teoria racial crítica. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus. *Narrativas autobiográficas de identidades sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Estudos da Linguagem*. Campinas, SP. Pontes Editora, p. 127-160, 2015.

MOREIRA, Maria Aparecida Rita. *A educação para as relações étnico-raciais e o ensino de literatura no ensino médio: diálogos e silêncios*. Tese (doutorado), 228 fls. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2014.

#### **Informações do(a)s autor(a)(es)**

Nome do autor: Elenice de Paula

Afiliação institucional: Universidade Federal de Santa Catarina

E-mail: paulaelenice@yahoo.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7711-6384>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5248790070793256>